



Eu gosto de ouvir as crianças conversando, porque elas são absolutamente como os poetas. Não conhecem obstáculos à sua imaginação.

Cecília Meireles

Infâncias em foco

Resultados positivos na testagem do uso da vacina CoronaVac em crianças

O Instituto Butantan, em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac, vem realizando testes da vacina CoronaVac em crianças.

Os resultados iniciais apontam que a vacina é segura e gera imunidade em crianças e adolescentes.

Os pesquisadores revelaram numa conferência acadêmica em Pequim, na China, que os níveis de anticorpos gerados pela CoronaVac em crianças foram maiores do que aqueles encontrados em adultos de 18 a 59 anos e em idosos.



Fonte: lunetas.com.br

Os primeiros testes foram realizados em 500 pessoas com idades entre 3 e 17 anos, que receberam duas doses médias ou baixas do imunizante ou um placebo. Os resultados, até o momento, revelaram que a maioria das reações adversas observadas foi branda. Também foi observado que a dose menor induziu reações de anticorpos favoráveis em crianças de 3 a 11 anos e a dose média deu melhores resultados em jovens de 12 a 17 anos.

Esses resultados ainda não foram publicados em revistas científicas. Os testes em estágio avançado da Sinovac no exterior ainda não incluíram menores de idade.



Fonte: bebe.abril.com.br

Leia mais:

<https://novaescola.org.br/conteudo/20070/vacina-contra-a-covid-19-a-importancia-de-incluir-professores-e-profissionais-da-educacao-no-grupo-prioritario>

Infância em cartaz: Como estrelas na terra

Direção: Aamir Khan;
Roteiro: Amole Gupte ;
Índia, 2007;
Duração: 225 minutos;
Título original: Taare Zameen Par.

Optamos em nossas sugestões por filmes que mostrem o olhar da criança e de diferentes tipos de infância pelo mundo, a obra *“Como estrelas na terra”* consegue atingir de forma muito rica esse objetivo, porém, consideramos uma indicação especial para trabalhadores da educação de maneira geral.

O filme se passa na Índia, no início dos anos 2000, e tem como protagonista Ishaan Awasthi (Darsheel Safar), um garoto de 9 anos, filho de uma família com boas condições financeiras e estudante de uma escola particular.

Fica claro desde o início do longa as dificuldades de aprendizagem que o garoto apresenta dentro da experiência de uma escola tradicional. Ishaan enfrenta a situação agindo de forma transgressora, e, com essas atitudes é sempre colocado na posição do “menino problema”.

Seu pai, em uma tentativa de controlar o comportamento do filho, o coloca em uma escola interna.

Mais uma vez, o menino não se adapta bem, mas ocorre uma alteração nesse quadro com a chegada de Nikumbh (Aamir Khan) um novo professor de artes, que investe na educação de Ishaan, explorando outros tipos de métodos de aprendizagem.

A partir dessa nova maneira de abordar a situação, vemos uma alteração na posição do protagonista, agora conseguindo evoluir e recuperando sua auto estima.

Vale ressaltar a utilização de recursos gráficos do filme, colocados na intenção de fazer o telespectador se sentir inserido na visão de mundo do protagonista, como por exemplo, em uma cena onde as notas dos alunos são anunciadas e se misturam várias letras e números ao redor do professor, demonstrando a confusão na compreensão de Ishaan. Também são utilizados recursos musicais, como alteração no ritmo e nos tons musicais, permitindo uma aproximação da experiência da criança.

Por fim, consideramos um filme muito bonito que, apesar de abordar uma temática séria, consegue fazê-la de maneira leve e nos permite questionar os métodos tradicionais de ensino e o fato de muitas crianças não se enquadrarem a eles.

Por Mariana Uchôa



História de crianças, Infâncias na História

Um personagem muito conhecido e que se tornou a cara da vacinação foi o Zé Gotinha. Criado em 1986, pelo Programa Nacional de Imunizações, que é responsável pela erradicação da varíola e da poliomielite no país, além da redução dos casos e mortes derivadas de sarampo, rubéola, tétano, difteria e coqueluche.



Fonte: Ilustração oficial do Zé Gotinha

Desde 1973 o programa enfrentava muitas dificuldades para realizar a vacinação em massa, pois a população brasileira não via com bons olhos as vacinas e se recusava a vacinar-se. A ideia do PNI foi criar um personagem que pudesse romper esse problema e o artista plástico e publicitário Darlan Rosa em parceria com a UNICEF foi o responsável por dar vida ao mascote.

O objetivo da primeira campanha era diminuir o medo das crianças em relação às vacinas, associadas comumente a seringas (mas, no caso da pólio, basta uma gotinha para se imunizar). O personagem logo caiu no gosto da população e rapidamente se tornou o mascote oficial do PNI. Posteriormente o mascote também convenceu os adultos e se tornou uma representação das campanhas nacionais de vacinação como em 2014 que com o slogan “vacinação é um programa de família”, e em outras campanhas como a da campanha contra a rubéola e contra o vírus influenza.

Precisamos do Zé Gotinha na campanha da vacinação contra o coronavírus!!!

Saiba mais em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/servicos/32941-zegotinha-conheca-a-historia-do-simbolo-da-vacinacao-no-brasil><http://www.blog.saude.gov.br/index.php/servicos/32941-zegotinha-conheca-a-historia-do-simbolo-da-vacinacao-no-brasil>

Convite a leitura

O Menino e a Estrela é a nossa dica do mês! O livro infantil conta a história de um encontro entre um menino e uma estrela. É uma história sobre olhares que encontram estrelas que brilham. Esse tema é necessário para tempos difíceis, mas que a poesia nos possibilita trazer de volta o brilho das coisas simples do cotidiano.

O texto é de Alessandro dos Santos Machado, psicólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da UFRPE/Fundaj. As ilustrações são de Silvana Fogaccia e foi publicado pela Saira Editorial.



O livro pode ser encontrado no site da editora Saira, no site da Amazon, ou diretamente com o autor pelo Whatsapp (11) 95967-2453.

GPIEDUC em diálogo

Dayse Mesquita (GPIEDUC) entrevistou Sudarssani Vieira Peralta da Creche Ame as Crianças sobre suas percepções das condições atuais de trabalho. Agradecemos, Sudarssani!!

D – Como foi se adaptar ao ensino remoto?

S - Muito difícil!

D – Qual a maior dificuldade enfrentada?

S - Disponibilidade, pois está sendo muito difícil conciliar trabalho, afazeres de casa e ainda tempo para dedicar as aulinhas junto as crianças.

D - O que você pensa em relação ao retorno presencial para Educação Infantil?

S - Acho necessário, pois infelizmente, em meio de toda essa pandemia precisamos trabalhar para pagar as contas e colocar alimento em casa e com o pouco que ganhamos está muito difícil ter que pagar além de todas as contas, ainda ter que pagar uma outra pessoa para nos ajudar com nossos filhos.

D – Tem algum medo ou alguma inquietação sobre o retorno das aulas?

S - Tenho medo sim, pois tenho consciência que meu filho estará correndo o risco de contaminação. Mas a partir do momento que nós pais precisamos sair para trabalhar e corremos o risco de nos contaminar e, infelizmente, levar o vírus para dentro de nossas casas, então não vejo motivos para a proibição do retorno presencial desde que seja tomado todos os cuidados.

D – Após esse período de aulas remotas e a contato realizado apenas por vídeo chamadas e/ou grupos de *whatsapp*, como tem observado e administrado o tempo da sua criança em frente às telas?

S - Está sendo bem difícil de administrar, aumentou bastante o tempo que eles estão passando em frente as telas.

Traços e Cores de Crianças



Ricardo, quando ganhou hidrocor novo de sua mãe, desenhou seu super herói favorito: Flash (em vermelho) e fez os riscos de sua velocidade ao correr. E falou: *Olha mãe, o Flash correndo!*

Agradecemos a você, Ricardo!

Calendário GPIEDUC

Março - Ciclo de Estudos e Debates

02 - *Infância e Pandemia*, com a participação especial da professora Isabel Pedrosa (Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE)

23 – *Espaço Público e Infâncias: experiências no Sítio Histórico de Olinda*, com a participação de Ana Júlia Lacerda (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades/Fundaj-UFRPE)

09, 16 e 30 – Reuniões do grupo

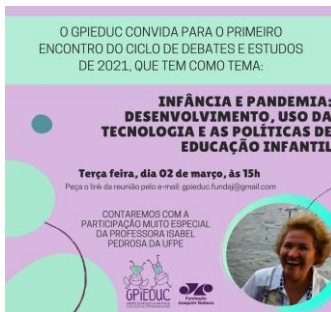
Local: Sala de reuniões do GPIEDUC - *Google meet*
Caso tenha interesse em participar das nossas reuniões, entre em contato através do **email:** gpieduc.fundaj@gmail.com

Agenda de Eventos

7º Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infância - GRUPECI

Data: 30 de junho a 02 de julho de 2021.
Inscrições iniciaram no dia 10 de fevereiro.

<https://www.instagram.com/p/CKzhzJBq48/?igshid=1g2qks1tj31h2>



Resumo em Poesia

Por Karla Aprígio

No dia 02 de março, às 15h, o GPIEDUC nos convidou a pensar
Sobre algo que no desenvolvimento das crianças consegue impactar
Discutimos a relação entre educação infantil, infância e pandemia
Precisamente sobre os efeitos das políticas e do uso da tecnologia

Para essa reflexão contamos com uma pesquisadora renomada
Professora da UFPE e a prática do LabInt é por ela coordenada
Mulher, Psicóloga, Mestre, Doutora com experiências de pós-doutorado
Falo de Isabel Pedrosa cujo nome, dentro e fora do Brasil, é respeitado

Promovendo o diálogo entre a psicologia do desenvolvimento e a psicologia social
A interface com a educação, em suas pesquisas, é um elemento primordial
Nos estudos, a Professora Isabel olha para as crianças, suas brincadeiras e interações
Buscando um jeito de perguntar como surgem os processos e suas transformações

Para mediar nossa conversa a professora Isabel dois eixos norteadores usou
O atendimento às crianças fora do ambiente confinado foi o primeiro ponto que tratou
Apresentando que, sob argumentos de cuidado, saúde e segurança,
Muitos médicos e familiares, na pandemia, isolam dentro de casa a criança

Mas refletimos que esse confinamento não precisava ser tão isolado assim
Manter as crianças pequenas e bebês em um mesmo ambiente é muito ruim
Pois as experiências se tornam simples resumidas ao espaço da casa ou do apartamento
Estar do lado de fora é uma necessidade humana que interfere no desenvolvimento

As crianças precisam ter experiências em diferentes ambientes físicos e culturais
Repletos de variadas paisagens com sons, cores, cheiros, espaços, pessoas e animais
Claro que é preciso ter cuidado com o tipo de ambiente e a duração dessa exposição
Garantindo qualidade na diversidade para a criança fazer no seu mundo uma expansão

Salientou a Professora que defender a criança fora de casa durante a pandemia
Não querer dizer qualquer fora de casa, nem qualquer escola se adequaria
Para estar fora é preciso que a criança com os sentidos possa a natureza abraçar
Ouvir o canto dos pássaros, ver as cores, cheirar as flores e a grama tocar

(continua)

Sair do confinamento para ter uma exposição aos fazeres culturais e sociais
Numa experiência de educação com uma variedade de ambientes e bons profissionais
E as aproximações da criança com esses espaços maiores e abertos devem ser graduadas
Na observação do desenvolvimento da criança essas aproximações precisam ser apoiadas

Depois de falarmos do confinamento e da variação de paisagens como necessidade
No segundo eixo a ideia era refletir o “ensino” a distância para crianças de pouca idade
Partindo do pressuposto de que a educação infantil não é conteudista e sim relacional
Substituir experiências em espaços diversos por encontros remotos não é o ideal

“Ensinar” remotamente com “aulas” e “tarefas” para os dias letivos computar
Burocratiza a educação infantil, o lúdico e a troca de experiências consegue sufocar
Ao invés de “aulas” a Prof.^a Isabel propõe outra forma de usar as ferramentas digitais
Diz que no confinamento da pandemia podem proporcionar as crianças “encontros sociais”

Encontros remotos com função afetiva, para os amiguinhos reunir
Conversar espontaneamente, contar novidades, compartilhar histórias e sorrir
Brincar e jogar de jeitos diferentes, experimentar novas formas de comunicação
Diminuir a saudade, dar e receber notícias sem se preocupar com lição

O seu grande medo a Professora Isabel conosco pode compartilhar
Tem medo que, pelo baixo custo, as aulas remotas uma moda possam se tornar
E a educação infantil não seja mais para as crianças um lugar
Onde a expansão de suas experiências culturais e sociais possam realizar

Para concluir essa conversa, refletindo os contextos e enxergando luzes na realidade,
Defende a existência de grandes espaços onde as crianças brinquem com liberdade
Onde possam, com autonomia nos processos sociais e físicos, atuar e recriar
Rodeadas de adultos atentos que ajudam, animam e vibram com seu criativo brincar

Talvez as grandes propostas para retirar as crianças desses confinamentos
Partam justamente de professores e professoras de olhares muito atentos
Atentos ao brincar como um direito que estrutura as práticas e as experiências na educação infantil
Do brincar das crianças nascerão ações que dialoguem com as plurais infâncias do nosso Brasil

Equipe editorial:

Edição de texto: Dayse Mesquita, Mariana Uchôa, Patrícia Simões, Eduardo Freitas, Riva Resnick e Karla Aprígio.

Diagramação: Patrícia Simões e Mariana Uchôa.

Equipe de revisão: Patrícia Simões, Mariana Uchôa e Juceli Bengert

Coordenação: Patrícia Simões e Juceli Bengert

Organização:



Programa de
Pós-Graduação
em Educação,
Culturas e Identidades

Apoio:

